



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a jornalistas brasileiros, após almoço na residência da Embaixada do Brasil em Washington

Washington D.C-EUA, 14 de março de 2009

Presidente: Nós fizemos uma entrevista que foi um encontro que eu considero extremamente importante para o futuro das relações Brasil-Estados Unidos. Todos vocês acompanharam, durante este tempo inteiro, nós tivemos uma boa relação com o presidente Bush e agora nós queremos aperfeiçoar as nossas relações com os Estados Unidos e com o governo Obama. Os assuntos que nós discutimos com ele... todos vocês sabem também que a crise é o assunto predileto dele, meu, de vocês e, eu diria, do povo do mundo inteiro. Nós temos uma crise econômico-financeira, ela surge no coração dos países ricos e, portanto os países ricos têm a responsabilidade de tentar encontrar uma saída para essa crise. Está ficando claro hoje para todo mundo que o G-20 vai se transformando em uma instância importante para encontrar as soluções, na medida em que o G-20 é uma representação de líderes políticos. Não será mais G-20, será G-20 mais alguns convidados especiais. Nós entendemos que no dia 2 de abril nós temos que tomar decisões sobre como fazer com que o crédito no mundo volte a fluir e que se possa restabelecer a normalidade financeira no mundo em um curto espaço de tempo. Eu penso que o grande problema hoje que nós temos é a falta de crédito, ou seja, não existe crédito para o povo no mercado interno e não existe crédito para as transações comerciais que os países têm que fazer. Obviamente que a Europa e os Estados Unidos sabem perfeitamente bem que cabe a eles terem a maior responsabilidade para resolver esse problema. Foi muito importante a proposta do presidente Obama de que nós constituíssemos um grupo de trabalho entre Brasil e Estados Unidos para preparar um trabalho conjunto na reunião do G-20. Discutimos também a



questão da Rodada de Doha. Eu disse ao presidente Obama que nós tínhamos chegado muito perto de realizar um acordo na Rodada de Doha. Depois, por um problema político muito mais do próprio Estados Unidos em função das eleições americanas, e também dos indianos, em função das eleições na Índia que vão acontecer agora, nós tivemos praticamente paralisadas as negociações da Rodada de Doha. Muitos dizem que nesta crise, possivelmente, seja mais difícil retomar as negociações da Rodada de Doha. Mas é importante que a gente veja que a Rodada de Doha pode ser um dos componentes de solução para essa crise, sobretudo para os países mais pobres e os países emergentes.

Discuti também com o presidente Obama a relação dos Estados Unidos com a América Latina. É extremamente importante, e eu também já tinha discutido isso com o presidente Bush, certamente o Fernando Henrique Cardoso discutiu com o presidente Clinton, e certamente outros discutiram, em outros momentos, uma nova relação entre a América Latina e os Estados Unidos. É preciso que os Estados Unidos compreendam que a América Latina vive uma experiência de crescimento econômico, vive uma experiência muito rica de exercício da democracia. Embora se possa ter divergência entre a visão de democracia entre as pessoas, o dado concreto é que nós nunca tivemos um momento tão promissor de fortalecimento da democracia, como estamos vivendo na América Latina. E os Estados Unidos precisariam ter um olhar para a América Latina com olhar de parceria, não aquele olhar do fiscal, aquele olhar que vai lá para combater o narcotráfico, aquele olhar que vai lá para vigiar alguma coisa, ou para combater a luta armada. Isso não existe mais. Até porque eu vou propor, na próxima reunião da Unasul, que nós da América Latina criemos um conselho nosso de combate ao tráfico, para não ficar dependendo de ingerência de ninguém numa coisa que nós temos que resolver com nossas próprias mãos. E que os outros cuidem de tomar conta dos consumidores, e aí, quem sabe, a gente pode resolver com mais facilidade esse negócio do narcotráfico. E também olhar para a América Latina com um olhar produtivo,



com um olhar de desenvolvimento, com um olhar de ajudar a gerar oportunidade para que os países possam crescer.

Eu, particularmente, estou otimista de que essa relação do governo Obama com o Brasil e com a América Latina vai melhorar muito a já forte relação que nós temos. Hoje nós temos um fluxo comercial de 54 bilhões de dólares, 28 bilhões são as exportações brasileiras, 26 bilhões as exportações americanas e um superávit de 2 bilhões de dólares para o Brasil. Mas nós achamos que pelo potencial dos dois países, nós poderemos ter um fluxo de balança comercial infinitamente maior do que esse que nós temos hoje com os Estados Unidos. Também discuti com o presidente Obama a necessidade de Brasil e Estados Unidos produzirem projetos conjuntos para trabalharmos com terceiros países na área de biocombustível, sobretudo no continente africano. É inadmissível que todos os cientistas do mundo e pesquisadores digam que está cada vez ficando mais grave a questão da emissão de gases de efeito estufa, e que o Brasil, que detém tecnologia de uma fonte energética não poluente, que essa fonte energética seja taxada em alguns países e a poluente [não seja] taxada. Que comecemos, então, a fazer parceria para produzir no Brasil, para produzir na África, para produzir nos países da América Latina, até porque serão os países que têm terras disponíveis que não disputem com a produção agrícola, que podem suprir para os países ricos a necessidade de combustíveis renováveis que tanto o mundo precisa.

Por último, disse ao presidente Obama que era importante que nós retomássemos a conversa sobre a renovação do Conselho de Segurança da ONU. Não é possível que 60 anos depois a gente continue com a representatividade geopolítica igual a que a gente tinha logo depois da guerra. É preciso que os continentes estejam mais representados.

Certamente, vocês vão me perguntar o que disse o presidente Obama. Veja, vocês vão me perguntar e eu vou dizer. Primeiro, eu não vim, numa primeira conversa, até porque eu já tenho experiência nisso, achar que um



presidente que está com 40 dias de mandato pode dar respostas que eu queria que ele desse imediatamente. Muitas dessas respostas serão construídas na medida em que o Celso vai se reunir mais vezes com a secretária Hillary Clinton, na medida em que os ministros da Fazenda vão se reunir, na medida em que os ministros das áreas específicas vão se reunir, para que a gente possa aprofundar essas relações. Eu penso que uma coisa que deixou o presidente Obama curioso [foi] saber que os investimentos que nós nos propusemos a fazer no Brasil deram certo e estão dando certo. A tese concreta é a seguinte: nós temos de fazer fluir o crédito, nós temos que garantir que o Estado faça os investimentos que a iniciativa privada não tenha condições de fazer, sobretudo na infraestrutura, ou que construa parceria, se a gente quiser vencer essa crise. Ou seja, vencer essa crise significa restabelecer crédito, significa criar mecanismos de regulação do sistema financeiro, significa a gente evitar a fuga de capitais, de dinheiro, de países emergentes para títulos, como os títulos americanos, que depois esse dinheiro não retorna no mercado, portanto ele não gera fluxo de balança comercial, não gera investimento em empresas, não gera nada. Então, o dinheiro está ficando paralisado. Esses são temas que nós vamos decidir no G-20 com muita força, e eu acredito que essa reunião é muito importante porque nós não podemos fazer uma reunião para marcarmos outra reunião. Isso eu fiz no PT muito tempo atrás: A gente fazia uma reunião e a grande decisão era marcar outra reunião. Eu espero que essa do G-20 não seja mais uma reunião para marcar outra reunião. Nós temos que ir para o G-20 com a disposição de tomar as decisões necessárias para começar a debelar os efeitos dessa crise. Dito isto, os brasileiros podem fazer as perguntas.

Jornalista: um pouco mais sobre o grupo Brasil - Estados Unidos, discussão do G-20, essa coisa da América do Sul que dá o narcotráfico, não tem ingerência dos Estados Unidos, e foi abordado o caso do Sean Goldman?



Presidente: Primeiro, é muito importante, eu não tinha nem pensado em conversar com o Obama quando eu comecei a imaginar a idéia de criar, da mesma forma que criamos um Conselho de Defesa da América do sul, criar um Conselho de Combate ao Narcotráfico, e essa idéia surgiu em uma reunião que eu fiz com o presidente Uribe lá em Brasília. Por que é importante isso? Só o Brasil tem mais de 15 mil quilômetros de fronteira seca. Só o Brasil tem mais de 8 mil quilômetros de costa marítima. Portanto, se nós não construirmos parcerias com os países para tomarmos conta da nossa fronteira e, portanto, coibirmos o narcotráfico, nós estaremos sendo, eu diria, irresponsáveis no trato de um assunto tão delicado. Então, eu acho que é uma coisa que aos poucos os países da América Latina e os países mais pobres vão percebendo que nós precisamos deixar de ser dependentes, porque fica todo mundo esperando que um país mais rico vá lá fazer as coisas que nós deveríamos fazer. Eu acho que nós temos que fazer as coisas para que gente possa ganhar mais respeitabilidade, mais credibilidade no mundo político.

Com relação ao grupo de trabalho, eu achei extremamente importante, porque tem horas que falam que tem divergências entre o pensamento brasileiro e o pensamento europeu, o pensamento americano e o pensamento europeu. Nessa hora, é como se nós estivéssemos em um navio em alto-mar, em uma turbulência muito grande, [com] ondas de 12 metros de altura, começa a vazar água, e ainda ficar se perguntando “quem é o culpado? Quem furou um buraco ali?” A hora é de todos nós darmos um salto de qualidade em nossas relações e perceber que a hora não é de achar culpado, a hora é de achar solução, depois a gente procura um culpado. Criar um grupo entre o Brasil e Estados Unidos que possa discutir questões econômicas que sejam unificadas - eu tenho certeza de que quase todos os outros países vão concordar - para estabelecer que tipo de regulamentação nós queremos fazer com o sistema financeiro, para discutir como vamos restabelecer o crédito em nível internacional, para discutir como aportar recursos para instituições financeiras multilaterais para financiar os



países em desenvolvimento, os países mais pobres. E ao mesmo tempo discutir como a gente garantir que os créditos internos em cada país voltem a funcionar e voltem a funcionar os créditos para o fluxo comercial dos países. Esse é um desafio que nós vamos ter de tomar decisões.

Eu sei que cada país tem uma história política, tem um pensamento ideológico. Aqui nos Estados Unidos falar a palavra estatização é uma coisa difícil, nacionalização é uma coisa difícil. Mas o dado concreto é o seguinte: nós precisamos fazer com que o dinheiro volte ao mercado. Se o povo não tem credibilidade no atual sistema financeiro, quem é que pode dar solução para isso, senão o Estado? Então, para mim, é uma questão de dias, todos nós teremos que entender que o Estado vai ter que dar a solução que os banqueiros não conseguiram dar. Os banqueiros nos levaram para a crise e agora estão a pedir que o Estado os tire da crise. Tirar da crise não é a gente ficar dando dinheiro para os bancos. Eu dizia para a Dilma agora há pouco que essa história de ficar dando dinheiro para banco é que nem você colocar uma panela no fogo cheia d'água e não colocar ingredientes para produzir um produto para você comer. Ou seja, a água evapora, você bota mais água, a água evapora, você bota mais água... Então, o Estado tem que entrar colocando condimentos ali para a gente fazer daquela água uma alimentação e a gente comer. Portanto, em vez de ficar apenas colocando dinheiro, nós temos que dizer: colocar dinheiro para quê? Para salvar os donos dos bancos ou para a gente fazer com que esse dinheiro gere mais crédito, gere mais desenvolvimento, gere mais emprego. É essa definição que nós temos que ter e eu acho importante porque nós vamos ter que assumir o nosso papel político.

No mundo contemporâneo, muita gente nesses últimos 30 anos achava que o mercado poderia fazer tudo, “não tem problema porque o mercado regula, o mercado faz”. Não fez.... A negação do Estado ruiu. O Estado é importante. Não que o Estado deva ser o gerente da sociedade, que o Estado deva gerenciar a empresa. Não. Mas o Estado tem que ser o regulador e o indutor do



processo de desenvolvimento do país e, ao mesmo tempo, tem que ser o regulador do sistema financeiro.

Jornalista: E o Sean Goldman (incompreensível) o assunto do menino?

Presidente: O assunto do menino. Veja, o problema do menino está na Justiça Federal. Já por obra do Ministério das Relações Exteriores, já por obra da Secretaria dos Direitos Humanos, nós conseguimos fazer com que saísse da Justiça do estado de São Paulo e passasse para a Justiça Federal. Nós esperamos que a Justiça faça o que tiver que fazer - aí eu não sou jurista, não posso dar palpite - mas que venha a tomar a decisão e qualquer que seja a decisão, o governo brasileiro respeitará. Graças a Deus nós temos no Brasil um poder Judiciário que tem autonomia, não é o presidente da República que toma a decisão do poder Judiciário.

Jornalista: Presidente (...) ele levantou o assunto?

Presidente: Ele agradeceu a posição do governo brasileiro de fazer com que o processo fosse para a Justiça Federal.

Jornalista: Presidente, e Cuba?

Presidente: Falei, falei sobre Cuba, sobre Venezuela, sobre Paraguai, sobre Uruguai (incompreensível)

Jornalista: Haiti, El Salvador?

Presidente: Falei sobre Haiti. Eu não tratei de Cuba especificamente porque eu não tenho procuração de nenhum governo para tratar de problema específico,



nem de Venezuela para tratar de problemas específicos. O que eu disse ao presidente Obama, e é o que eu acho que vai acontecer, é que é preciso que haja uma aproximação com a Venezuela, é preciso que haja uma aproximação com Cuba, é preciso que haja uma aproximação com a Bolívia. Ou seja, tudo aquilo que aconteceu de divergência, algum tempo atrás, é preciso reconstruir. Todos nós vamos nos encontrar em Trinidad e Tobago, todos nós. Vão estar lá todos os presidentes. E quando os dirigentes políticos se sentam em torno de uma mesa, a possibilidade de fazer uma boa salada que todo mundo...

Jornalista: Com pepino, Presidente?

Presidente: Sem pepino, (incompreensível) má digestão. Eu converso muito com o Chávez, eu sei que o Chávez tem expectativa no presidente Obama, que possa melhorar a relação. O presidente Obama tem boa vontade, a mesma coisa com o Evo Morales. De forma que eu penso que nós poderemos construir na América Latina uma nova relação. Uma relação de confiança, uma relação de não-ingerência, uma relação de compartilhamento das coisas boas e das coisas ruins. Eu penso que é isso que vai acontecer na economia.

Jornalista: Obama falou que se ele fosse para a Amazônia, os republicanos iriam torcer para ele se perder. O senhor aqui não tem esse problema, afinal de contas, surfando nessa onda de popularidade, está a oposição quase toda ao seu lado, até o Sarney e o Collor?

Presidente: Veja, o Congresso Nacional é eleito pelo povo brasileiro. Aqui nos Estados Unidos e no Brasil. E as pessoas que são eleitas precisam ser respeitadas porque os eleitores delas têm a mesma importância dos eleitores que votaram em mim. Ou seja, um eleitor tem um comportamento que não é determinado por um único pensamento. Graças a Deus, no Brasil, o voto é



plural, as pessoas votam em dezenas de partidos ao mesmo tempo. E o Obama jamais se perderia na Amazônia, porque nós conhecemos bem a Amazônia e não deixaríamos o Obama se perder. Portanto, quem queria que ele se perdesse iria ficar frustrado. Agora, eu senti no presidente Obama vontade de ir ao Brasil, muito mais próximo, acho que ele quer tomar um banho nas praias brasileiras, o que é muito importante. Ele disse que queria ir ao Rio de Janeiro. Veja, mas vai ao Brasil. E o Rio de Janeiro não deixa de ser um lugar encantador.

Jornalista: O senhor saiu com ele. Aquela conversa ali chegando no carro, o que rolou ali?

Presidente: É porque nós temos um grupo de CEO's, nós temos um grupo de empresários brasileiros e um grupo de empresários americanos, que foi criado ainda no outro governo. Para nós é muito importante, porque são empresários importantes que estão na mesa de negociação. Esses empresários se reunindo sistematicamente, a gente vai conseguindo descobrir dificuldades nas nossas relações e vai tentando descobrir também possibilidades de novas oportunidades. Quando eles se reuniram no Brasil, duas vezes, eu fui; quando eles se reuniram aqui, uma vez, o ex-presidente Bush foi. E o que eu pedi ao Obama é que seria importante que ele participasse com o mesmo entusiasmo com que eu participo no Brasil, quando esses empresários se encontram, para que a gente possa dinamizar ainda mais as relações Estados Unidos e Brasil.

Jornalista: O senhor poderia destacar um ponto que o senhor acha, apesar de ter pouco tempo de governo Obama já implantado, se o senhor tivesse que destacar um ponto em que o senhor vê maior perspectiva de avanço nessa relação bilateral, a partir dessa conversa de hoje, qual seria ele?



Presidente: Eu acho que a questão climática e a questão do biocombustível. Eu estou convencido de que nós vamos dar passos extremamente importantes. Essa coisa já está maturada, essa coisa passou por um processo de maturação e eu penso que nós agora vamos começar a colher os frutos daquilo que estamos plantando há algum tempo. No mais, gente, eu queria agradecer. Obrigado. Nós vamos falar mais em Nova Iorque.

(\$31DGJLQ)